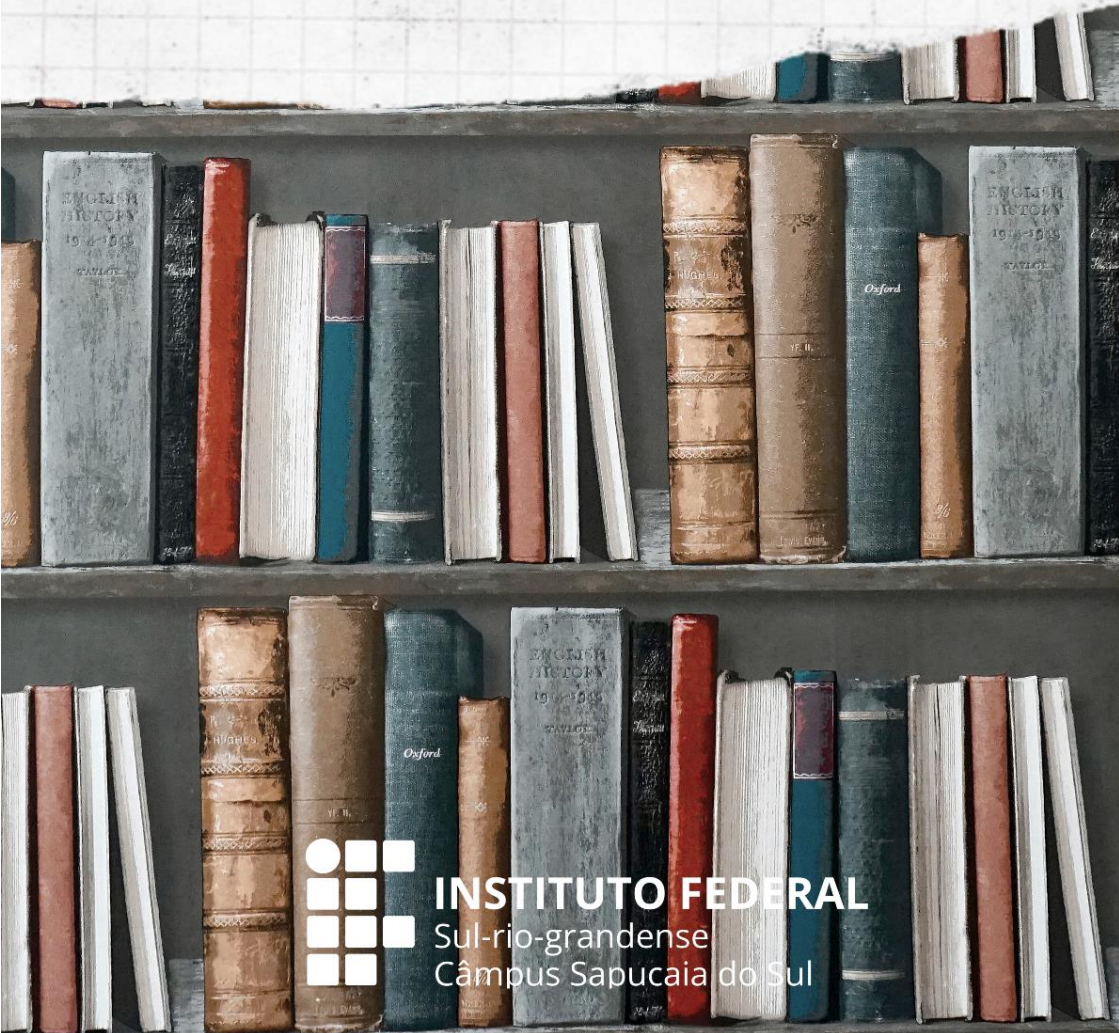


ISSN 2764-0434

V.8 N.2 DEZEMBRO DE 2022

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

Ministério da Educação
Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

<i>Hist. que mer. ser cont.</i>	Sapucaia do sul	v. 8	n. 2	p. 1-40	2022
---------------------------------	-----------------	------	------	---------	------

© 2014. Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Av. Copacabana, 100 - Piratini

Sapucaia do Sul - RS

CEP 93216-120

Telefone: (51) 3452-9200

E-mail: ss-ccs@sapucaia.ifsul.edu.br

Editor:

Misael Kruger Lemes

Projeto gráfico e diagramação:

Patrícia Hammes Strelow

Vanessa Levati Biff

Periodicidade semestral

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas / Instituto Federal Sul-rio-grandense. — v. 8 , n. 2, (dez, 2022). Sapucaia do Sul: IFSul, 2014-.

Semestral

1. Literatura -- Periódicos. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos -- Periódicos. I. Título.

CDU 82-32(05)

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff - CRB 10/2454

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Texto do convidado.....	9
Profa. Janaina Marques Silva.....	9
Milagre da minha vida	11
Andrea G. Cardoso	11
Maternidade.....	14
Andressa Caetano Fontes Moreira	14
Algumas pessoas a gente conhece. Outras, Deus nos apresenta	16
Carla Francieli Fiuza.....	16
O Amor que dá a Vida	18
Crisler Teixeira Daniel Rodrigues	18
Minha menininha.....	20
Daiane Moura de Oliveira.....	20
Terceira chance.....	24
Eduardo da Rocha Harres	24
Minha história de superação	25
Evanir Caetano Fontes	25
Toda mulher é capaz de recomeçar	28
Joseane dos Santos de Brito.....	28
Coração de mãe.....	30
Juli Herbstrith da Silva.....	30
Sonho de ser mãe	32
Luciane Maria de Oliveira Koch.....	32
O Açude.....	35
Silvana Rosa da Silva Rodrigues	35

Meu renascer.....	37
Tayciane da Silva Prates	37
Verão.....	39
Thaís da Silva Castro	39

Apresentação

Prof. Misael Kruger Lemes

Ao ingressar como docente substituto no Instituto Federal Sul-rio-grandense, em maio de 2022, logo de imediato, deparei-me com a informação de que estaria coordenando o projeto “Histórias que merecem ser contadas” no semestre que iniciara.

Ao conhecer melhor a proposta, percebi que se tratava de um projeto de extrema relevância, cuja culminância envolveria tanto a comunidade estudantil da EJA quanto a comunidade externa.

Foi então que, já nos primeiros encontros com a turma 4F de 2022/1, iniciamos discussões sobre as diferentes histórias de vida e experiências daquela turma. Foram momentos de profundas reflexões, sobretudo pelo fato de tocarem em nossos corações.

Após tais discussões, começava o período de escrita das narrativas. Foram inúmeros encontros que envolveram práticas de escrita e de reescrita, e a turma 4F trabalhou de forma incansável e incisiva na produção de suas histórias.

Dedico este espaço, portanto, para parabenizar a professora Suzana Trevisan, idealizadora desse projeto, assim como para agradecer a professora Vanessa Dagostim Pires, a qual repassou-me informações importantes sobre a condução do projeto. Agradeço, também, à professora Bruna Teixeira Correa pela parceria e pelo olhar atento e competente com o qual revisou os textos deste livro.

Cabe parabenizar, igualmente, o IFSul Câmpus Sapucaia do Sul, por apoiar e incentivar o desenvolvimento desse — e de outros — projeto que é, indubitavelmente, fundamental para valorizar as experiências de vida dos estudantes, tornando-os protagonistas de suas histórias.

O projeto cumpre seu papel de forma exitosa, uma vez que promove o uso da língua por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, que partem das vivências de cada estudante, trazendo reconhecimento às suas histórias de vida.

Para mim, enquanto docente, apenas gratidão por essa experiência tão rica e por todas as trocas de saberes com a turma 4F de 2022/1.

Desejo a você, leitor (a), que navegue nestas histórias e desfrute da leitura de cada narrativa que aqui será apresentada.

Texto da convidada

Profa. Janaina Marques Silva

Que convite lindo e quanta gratidão em poder compartilhar de um pedacinho deste livro de tantas histórias significativas. Tive a honra de ver esse projeto nascer com a professora Suzana Trevisan em meados de 2013, de participar das primeiras criações e ações de ampliação, como a noite de autógrafos e as primeiras publicações. Hoje, compartilho com alegria o curso onde essa iniciativa tornou-se uma prática pedagógica consolidada na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, o Técnico Integrado em Administração EJA-EPT (PROEJA) do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul. Já esteve também na maestria desta disciplina e práxis pedagógica a professora Vanessa Dagostim, e neste ano e semestre, o professor Misael Krüger Lemes. Assim, seguimos eternizando histórias de vidas e encantado todas as pessoas e lugares aonde essas histórias chegam. As professoras e ao professor, o meu reconhecimento e admiração por este lindo exercício pedagógico, cientificamente legitimado com mais de 13 edições já publicadas.

Nesta experiência o aprendizado transcende e se potencializa para além dos conhecimentos específicos da disciplina de Língua Portuguesa, a partir do reviver que cada pessoa da EJA faz em um momento escolhido nas trajetórias de suas vidas. É compreensível que o ato de relembrar estes momentos também impacta em revisitar emoções e sensações que nem sempre foram registrados como alegres e afetuosas, entretanto, este exercício também carrega possibilidades, quando necessário, de ressignificar essas sensações, agora, ancoradas num outro momento da vida. Este ressignificar transcende, muitas vezes, em um novo posicionamento mediante aos fatos e feitos, contribuindo com a evolução de todas as pessoas da EJA que realizam este exercício reflexivo e crítico. Somos o que somos e estamos onde estamos por conta de tudo que vivemos e as escolhas que fazemos. Nesse sentido, sinto muito orgulho de cada uma(um) de vocês pelas histórias aqui registradas e por chegarem aonde chegaram. Aqui podemos compartilhar, através da leitura, a forma como vocês, prezadas(os) autoras(es), vão ressignificado suas

histórias de vida, selando com a dádiva do aprendizado oportunizado por uma área do conhecimento tão importante, área que potencializa e contribui com a autonomia para comunicação na sua forma mais ampla, através da linguagem escrita, falada, corporal... como emissoras(es) e como receptoras(res). Essa autonomia com propriedade é também liberdade.

Querida turma 4F 2022/01, é uma alegria poder, também, eternizar o meu carinho e admiração por vocês. Por um bom tempo, meus primeiros contatos com a turma foram ao longo das aulas síncronas, devido ao período de exceção causado pela COVID-19. Importante, também, registrar esse momento, pois marcou muito a resiliência e a força com que cada uma(um) de vocês lidou com as adversidades que surgiram, e foram muitas, como os desafios tecnológicos, a rotina e o jeito de viver o cotidiano, alterados pelas regras e possibilidades de convívio social. Também, infelizmente, algumas saudades anunciadas de afetos que não resistiram e seguiram suas jornadas... Entretanto, retornamos às aulas presenciais e o abraço esperado foi finalmente vivenciado com muito afeto e marcado pelo enunciar de um novo ciclo, que chegava exigindo, novamente, adaptar a vida na sua amplitude ao retorno presencial.

Este abraço também selou um compromisso em estarmos atentas(os) e sensíveis aos desafios que também se materializaram neste presencial, pois, embora tão esperado e desejado, exigiu uma reorganização da vida que havia sido adaptada à realidade das aulas síncronas, que duraram em torno de dois anos. Trago essas memórias, também, para ressaltar o quanto aprendi e aprendo com vocês, o quanto nos fortalecemos nesse contato e o quanto evoluímos e nos tornamos mais potentes. Admiro a história de vida de cada uma(um) de vocês. Honremos nossas histórias! Celebremos cada passinho ao encontro do que almejamos e que o sorriso solto, alegre e leve esteja sempre presente e banhado de utopia.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.” Eduardo Galeano in ‘Las palabras andantes?’, publicado por Siglo XXI, 1994.

Milagre da minha vida

Andrea G. Cardoso

Sou mãe de quatro filhos. Meu caçula nasceu prematuro de 8 meses de gestação, pesando somente 1,680kg. Por ter nascido prematuro, os cuidados com ele sempre foram mais intensos do que com os irmãos maiores. Hoje, meu caçula tem 13 anos.

Aos 3 anos de idade, meu menino ficava em uma creche para que o pai dele e eu trabalhássemos. Um dia, fui buscá-lo na creche, como de costume, e a tia que o cuidava me informou que havia notado que ele estava com o olho esquerdo lacrimejando e que, abaixo da orelha esquerda, havia uma saliência avermelhada (caroço). A partir daquele momento, fiquei bastante preocupada e passei a noite cuidando se apresentaria febre ou dor, mas dormiu normalmente.

Ao acordar no dia seguinte, examinei e verifiquei que havia aumentado o tal caroço. Por conta disso, resolvi levá-lo ao hospital. Achei melhor, pois seria um lugar onde ele poderia fazer todos os exames necessários. Primeiramente, consultou com um pediatra, que solicitou vários exames, como um para verificar como estava a imunidade. O resultado desse exame sinalizou que, naquele dia, a imunidade do meu filho estava baixa. Naquele momento, fiquei ainda mais preocupada do que já estava. Passamos o dia no hospital aguardando todos os exames ficarem prontos, até que, no meio da tarde, o médico me chamou, novamente, e pediu que aguardássemos até às 18 horas para passar pela avaliação de um cirurgião pediatra.

Quando o cirurgião me chamou, eu já estava com o “coração na mão”. Ele examinou meu filho e afirmou que teria que fazer uma biópsia do tal caroço e que, dentro de três dias, o menino teria de ser internado no hospital para fazer o procedimento. Quando o cirurgião falou a palavra “biópsia”, imediatamente fiquei sem chão. Minha vida parou ali. Não fui mais trabalhar e não fazia qualquer outra coisa que não fosse orar e pedir a Deus que o caroço no pescoço do meu filho não fosse um câncer. O dia da internação era um domingo, e ele faria a cirurgia na segunda-feira à tarde.

Passamos a noite no hospital e, no outro dia, às 14 horas, uma enfermeira dirigiu-se até o quarto onde estávamos, meu filho e eu, e conduziu-nos ao bloco cirúrgico. Chegando lá, a anestesista veio falar comigo, explicar como a anestesia era feita, e deu dois medicamentos para o meu filho, um para não sentir dor e o outro para não lembrar da cirurgia. A médica me explicou que esse medicamento é utilizado para que as crianças não fiquem com algum trauma de todo o processo cirúrgico. Em seguida, a anestesista veio até mim, com um questionário em mãos, e, dentre as várias perguntas, questionou se ele estava em jejum de 8 horas. Lembrei que ele havia comido uma fruta às 10:00 horas. Ela, então, informou que não poderia anestesiá-lo devido a várias complicações que poderiam ocorrer, podendo, inclusive, levá-lo a óbito. Voltamos para o quarto para aguardar as 8 horas do jejum.

Chegando ao quarto, meu filho parecia como se estivesse “bêbado”, pois o medicamento que ele havia tomado, para não lembrar de nada, o deixou completamente dopado. Ele ria, chorava e mal parava de pé, até que dormiu e eu fiquei ali observando-o. Dentre, então, ao quarto, um senhor, que se dirige até uma mulher que estava com seu bebê, internado por problemas de saúde, no mesmo quarto onde estávamos, em que havia, também, mais uma criança de uns 6 anos de idade, acompanhada pela avó. Esse senhor, que adentrou ao quarto era evangélico e fez uma oração para o bebê, e logo foi até a avó, que acompanhava o neto de 6 anos, e perguntou se ela aceitava uma oração para o neto. Sem rodeios, ela respondeu que não, que não queria.

Após, ele veio até mim e perguntou se eu aceitava uma oração. Sem pensar duas vezes, eu aceitei. Ele, então, me perguntou se eu tinha fé que meu filho poderia ser curado, e eu respondi que sim, de todo o meu coração. Ele orou pelo meu filho. Durante a oração, meu filho se mexia muito, e logo que o tal homem terminou a oração, ele me disse: — “Seu filho está curado, mãe.” Eu senti uma verdade tão grande naquela frase daquele desconhecido... Eu tinha certeza de que realmente meu filho havia sido curado. Passamos a segunda noite no hospital, meu filho em uma caminha para crianças, e eu sentada ao lado dele, em uma cadeira.

No outro dia, às 10 horas, novamente, veio até nós uma enfermeira, que nos conduziu até o bloco cirúrgico. Já que meu filho estava em jejum, a médica anestesista deu para ele tomar os mesmos medicamentos do dia

anterior. Vesti meu menino somente com aquele avental hospitalar, que também precisei vestir, pois eu teria de acompanhá-lo até que ficasse totalmente anestesiado. Coloquei-o sentadinho em uma caminha e fiquei ao seu lado. Ele estava com um aspecto de feliz, e eu, com o coração aos pulos. De repente, ele olhou para a parede em que eu quase encostava e me falou:

- Mamãe, mamãe! Tem um titio atrás de ti. Ele vai te pegar.

Eu rapidamente virei para verificar, mesmo estando quase encostada na parede, e disse a ele que não tinha ninguém. Ele ria e insistia que sim, e olhava para a parede, como se estivesse interagindo com alguém atrás de mim. Logo, a enfermeira conduziu-nos até a sala onde seria realizada a cirurgia (biópsia). Fiquei com ele até que ficasse totalmente anestesiado e o deixei na mão de Deus e do cirurgião. Fui para uma sala de espera, onde permanecemos, o pai do meu filho e eu.

Passados uns 40 minutos – que para mim pareciam uma eternidade – , o cirurgião me chamou e disse que, para a biópsia, havia retirado todo o caroço, e não somente um pedaço, como costuma ser o procedimento. Disse que tinha certeza de que não era nada grave, mas uma virose poderia ter causado o tal caroço. Fiquei imensamente feliz com aquela notícia.

Demorei para entender que um milagre de Deus havia acontecido com o meu filho. Um dia, conversando com uma senhora desconhecida, que uma amiga havia indicado, pois vendia cosméticos, fui até a casa dela para conhecer os produtos. Começamos a conversar, falar sobre filhos e, em meio à conversa, ela me deu a entender que, assim como eu, também acreditava no evangelho. Contei a ela sobre a cirurgia do meu filho e, enquanto eu contava, começou a chorar. Eu não sabia o porquê daquela mulher estar chorando com a minha história. De repente, ela me interrompeu e disse:

– Seu filho foi curado por Deus. O tal ‘titio’ que ele via era um anjo de Deus.

Caímos em lágrimas e nos abraçamos.

Naquele dia, tive a confirmação do que eu acreditava. Depois desse dia, tornamo-nos amigas. Hoje, com lágrimas de emoção, descrevo este acontecimento de que, sem dúvida alguma, meu filho, Thomas, hoje com 13 anos de idade, foi curado por um milagre de Deus. Só tenho a agradecer todos os dias de minha vida por esse milagre. Obrigada, Deus, por essa bênção!

Maternidade

Andressa Caetano Fontes Moreira



Aos meus dezenove anos de idade, era uma jovem alegre, agitada, sempre cercada de amigos e familiares. Super apaixonada pela minha vida, gostava de viver intensamente, curtindo festas, viagens e passeios. Sempre dei muito valor à minha liberdade. No entanto, o mais engraçado é que, justamente por ser muito baladeira e amar toda essa sensação de liberdade, nunca passou pela minha cabeça a ideia de ser mãe. Menos ainda a chance de pensar em ser mãe aos dezenove anos. Fui criada com 6 irmãos, então, desde muito cedo, ajudei a criar dois deles. Esse

também era um fato que me levava a não querer ter filhos cedo, pois eu já sabia das dificuldades e de como não seria fácil criar filhos, pois ser mãe é trabalhoso.

Contudo, o destino resolveu me pregar uma peça. Em uma noite, após ter voltado das minhas “noitadas” de sempre, comecei a passar mal, mas o estranho é que, naquela noite, eu não havia bebido um gole sequer de bebida alcoólica e, mesmo assim, eu tinha muitos enjoos e tonturas. Foi então que, no outro dia, resolvi fazer o teste de gravidez, e bingo! O susto! Naquele momento, meu chão caiu, porque além de estar grávida, logo em seguida, descobri que seria mãe solteira.

Aos dezenove anos, grávida, e ainda mãe solteira. Meus amigos, quase todos, já não me visitavam mais. Havia poucas pessoas em minha volta para que eu pudesse ter um apoio, ao menos um consolo, ou uma palavra amiga.

Fiquei um bom tempo revoltada pelo fato de achar que a maternidade era muito dura, trabalhosa e que eu iria perder toda minha juventude em consequência dela. Fechei-me para o mundo durante um bom tempo. Mudei meu jeito de ser. Já não saía mais de casa. Por conta disso, engordei. Não gostava de me olhar no espelho nem do meu corpo. Eu já não me reconhecia mais.

Após o seu nascimento, mudei toda minha perspectiva em relação à maternidade. Amei meu filho desde o primeiro “chorinho” lindo. Com ele, realmente conheci a palavra amor verdadeiro. Richard Moreira, meu príncipe, um amor, que não tem nem explicação. Senti toda minha alegria e vontade de viver voltando, só pelo fato de ter meu filho nos meus braços, escutar seu chorinho, ver o sorriso mais lindo do planeta. Tudo isso não tinha preço.

Quando Richard atingiu seu terceiro mês de vida, conheci o segundo amor da minha vida: meu marido. Com ele, fui descobrindo que a vida era mais fácil, e que eu era capaz de ser uma boa mãe, e uma pessoa melhor a cada dia, pelo nosso filho. Meu esposo estendeu-nos a mão nos momentos mais difíceis de nossas vidas, deu-nos amparo, amor, carinho e proteção. Acompanhou nosso filho desde o terceiro mês de vida: o primeiro passo, o primeiro tombo de bicicleta, as frequentes idas aos hospitais pelo fato de meu filho ser asmático. as visitas aos hospitais eram rotineiras, e meu marido, com toda paciência do mundo, sempre nos amparando e dando todo apoio. Isso não tem preço.

Com tudo isso, me descobri uma mulher mais forte. A maternidade me fortaleceu. Meu amor pelo filho, que hoje tem nove anos de idade, é cada dia maior. Amo ser mãe e, evidentemente, nem tudo na vida são flores, mas também nem tudo está perdido, e a vida nos ensina o caminho certo e nos direciona até essa longa e linda jornada que se chama maternidade.

Algumas pessoas a gente conhece. Outras, Deus nos apresenta

Carla Francieli Fiuza



Minha história começa com muita gratidão a Deus, pois fui abençoada com uma nova história de vida. O ano de 1984 foi o ano em que eu nasci. Minha mãe, mesmo estando feliz com minha gestação e com o meu nascimento, também passava por algumas aflições, pois meu pai

biólogico tinha abandonado ela gestante.

Com sentimento de abandono, medo e muita insegurança, minha mãe se questionava como seria não só a vida dela, mas também como seria a minha vida, que era apenas um bebê que estava prestes a chegar nesse mundo. Eu chegava nesse mundo sem saber como seria, que tipos de traumas e sofrimentos poderia passar durante o decorrer da vida.

Eu nasci sem saber como realmente seria aquela decisão que meu pai biológico tinha tomado e de que forma ela afetaria a minha vida e a de minha mãe, mas foi aí que DEUS me deu a resposta e me mostrou que nem sempre sangue é o mais importante.

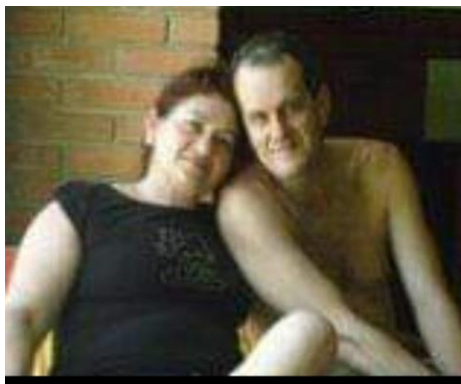
Quando eu era um bebê, minha mãe, cheia de medos e com muitas inseguranças, sem rumo e perdida, conheceu uma pessoa que mudaria totalmente nosso destino, aquele verdadeiro presente do céu. A partir daquele momento, tudo mudaria. Uma nova história estava sendo escrita para nós.

Naquele momento, Deus me mostrou que sangue não é questão de sentimento e que sentimento era algo que se construiria aos poucos, com tempo e convivência no coração. Foi então que minha nova história começou

a ser escrita. Entrou, na minha vida, meu padrasto, aquele que seria meu pai, que tiraria minhas tristezas, meus traumas e me cuidaria.

Meu pai de coração é aquele com quem aprendi o significado do amor, quando tive a certeza de que DEUS tem sempre algo bom preparado para nós. Meu padrasto JAIR BORBA, que me criou como filha, que me ensinou a ser cada vez melhor... Ele, junto de minha mãe, ROSELI FIUZA, me educaram e me deram o carinho necessário para que a minha infância e meus dias não fossem afetados por traumas ou culpas.

Ele é aquele ser humano sobre quem eu poderia escrever por horas sobre suas qualidades, sua inteligência e sobre tudo que aprendi com ele. Poderia viver por muitos anos e não conseguiria agradecer tudo que ele fez e ainda faz por mim. Ele é o melhor avô que meus filhos poderiam ter. É aquele conselheiro da família, aquele que faz de tudo para manter a paz e o bem-estar de todos. Aquele que, por muitas vezes, deixou de fazer suas vontades para fazer as nossas e dar o melhor exemplo, aquele que se esforçava muito para nunca faltar nada para nós.



Sou infinitamente grata por tudo que vivi e vivo ao lado dele e de minha mãe. Meu padrasto é um exemplo de caráter. Meu padrasto é inspiração para mim e para muitos. Resumidamente, pessoas que deveriam ser eternas e de grande importância na nossa vida acabam indo embora e aquelas que talvez a gente nunca

conhecesse entram na nossa vida e se tornam muito mais do que especiais.

Tudo na vida tem um propósito, e o meu foi ter minha história reescrita por DEUS. Nossa vida acaba sendo abençoada por pessoas tão importantes para nós que somos gratos e felizes só porque tivemos a chance de conhecê-las.

O Amor que dá a Vida

Crisler Teixeira Daniel Rodrigues

Esta é uma história de uma mulher guerreira que, apesar das dificuldades da vida, nunca desistiu de lutar. Dona Clora, assim como era conhecida, era uma mãe com quatro filhos que, aos 42 anos, teve forças para se desvincular de um casamento em que sofria com o alcoolismo de seu marido.

Dona Clora passou por muitos desafios para trabalhar e cuidar de seus filhos com a ajuda de sua mãe, que, apesar dos seus 70 anos, foi o auxílio para aqueles dias difíceis. O tempo foi passando, os filhos foram crescendo e começaram a trabalhar para ajudar nas despesas da casa. As coisas foram se ajustando e, quando ela menos esperava, sua mãe ficou doente e veio a falecer. Mais uma vez, ela se viu em uma situação difícil e buscando forças em Deus.

Vivendo um dia de cada vez, conseguiu encontrar forças para seguir cuidando da sua família. Mesmo criando seus filhos sozinha, nunca nos faltou nada e tínhamos o que mais precisávamos, que era o seu amor. Ainda que muitas vezes ela tivesse de se ausentar, por ter de dar conta de tudo sozinha, sabíamos que estava batalhando pela família.

Lembro que toda noite, antes de dormir, mesmo com o rosto cansado, ela sentava na cama com o seu terço na mão e rezava. Com certeza pedia forças para enfrentar todas as batalhas. Depois que os filhos já estavam criados e encaminhados, agora, já aposentada, começou a desfrutar do seu descanso fazendo viagens, aproveitando os netos e, aos domingos, o almoço com todos os filhos era sagrado. Ela tinha orgulho de ver a casa cheia de filhos e netos. Para ela, era uma alegria.

Não gostava de depender de ninguém, pois desde cedo aprendeu a ir atrás e batalhar por aquilo que queria. Em julho de 2020, ela começou a ter dores fortes na barriga, foi hospitalizada, e, por complicações de uma pancreatite, no dia 10 de agosto de 2020, faleceu, deixando seus quatro filhos e nove netos, além de um legado de fé e amor pela família.

Esse é um pequeno resumo da história da minha mãe, Maria Cloreci, que merece ser contada para servir de força e inspiração para outras mulheres.

Ela foi e é uma inspiração para a nossa família. Os dias não são fáceis sem a sua presença, mas hoje vejo os meus filhos, lembro do quanto ela era forte e procuro seguir em frente e levar adiante os seus ensinamentos, a sua fé e força que tanto nos ensinaram.

Minha menininha

Daiane Moura de Oliveira



Já havia alguns dias que eu estava ruim, achando que fosse estômago. Até água estava me fazendo mal. Certa noite, estava passeando no Shopping Canoas com o meu namorado e, à época, decidi contar para ele o que estava acontecendo. Ele prontamente falou: “Vamos a uma farmácia comprar um teste de gravidez”.

Compramos o teste, li as instruções de como tinha que fazer e, na manhã seguinte, o fiz. Para meu desespero, susto ou surpresa, eis que apareceram aquelas duas “marquinhas azuis”. Nesse meio tempo, meu telefone tocou, era uma ligação de uma

empresa na qual havia deixado um currículo, chamando-me para uma entrevista de emprego. Com o resultado dando positivo, falei que não poderia aceitar, pois havia descoberto a gravidez. Agradei pela oportunidade.

Na mesma manhã, fui a um laboratório fazer exame de sangue, que confirmou a gravidez. Com a euforia da notícia, o pai do bebê ficou muito feliz e ligamos para algumas pessoas, como minha mãe, que vibrou com a emoção de ser avó, já minha ex-sogra falou-me umas coisas das quais não gostei e que me deixaram triste. Contudo, procurei pensar nas coisas boas que o meu bebê poderia trazer para minha vida.

Agendei uma ecografia para saber de quanto tempo de gravidez eu estava. Acabei indo sozinha, pois o pai do bebê estava trabalhando. Na hora da ecografia, a alegria tomou conta de mim ao ouvir o coraçãozinho e ver aquele serzinho tão especial. Estava tão nervosa que, na hora, quase infartei, achando que eram dois, pois pareciam dois corações. Questionei a médica, e ela disse que era somente um bebê. Ufa, respirei aliviada!

Com o decorrer da gravidez, tive alguns picos de pressão alta, o que me deixou muito preocupada. Fui à médica, que veio a ser minha obstetra, com a qual fiz todo o pré-natal e tratamento para pré-eclâmpsia. A cada dia que passava, minha ansiedade aumentava para saber o sexo do bebê. Fiz algumas ecografias para saber o que era, mas nunca era possível vê-la, pois minha bebê estava sempre escondida.

Já com 5 meses de gestação, fui fazer a ecografia morfológica, a qual mostrava como o bebê era, se estava tudo perfeito, se tinha todos os dedinhos e partes do corpo e, finalmente, o sexo daquele serzinho. Para minha alegria, conseguimos vê-la, e o médico disse que era uma menina. Naquele momento, minhas lágrimas escorreram, tamanha era a emoção. Chorava a ponto de não conseguir parar. Vibramos tanto. Minha irmã estava comigo. Logo que saí do consultório, abraçamo-nos e comemoramos por ser a minha menininha.

Meu sonho de criança era que, quando eu me tornasse adulta e tivesse filho, fosse uma menina. Sempre falei isso. Minha felicidade era sair daquele consultório direto para uma loja e comprar roupas para minha princesinha. Os meses foram se passando e minha princesinha estava crescendo cada vez mais. Sentia-me aliviada a cada ecografia que fazia por ela estar bem, pois minha pressão começou a ficar alta e, dali em diante, os cuidados passaram a ser rigorosos.

Com o uso de medicamentos, tudo foi se ajeitando: alimentação equilibrada, sem gorduras e sem sal. Tinha todo o cuidado, mas, às vezes, mesmo tomando remédio e tendo acompanhamento médico, minha pressão ficava alta. Algumas vezes, tive de ser internada para tratamento da pressão arterial, para que nada de ruim acontecesse com minha princesinha. Com a correria do dia a dia, no trabalho, às vezes não sentia ela mexer, algo que me deixava preocupada. Chegava em casa, tomava banho, descansava, e o meu pensamento era só nela. Será que você está bem? Quem sabe você dá uma

mexidinha para mamãe saber que você está bem? Acabava adormecendo, mas não sentia.

Sempre que ia de trem para o trabalho, pela manhã, conversava por pensamento com minha menininha: “Eu sei que você está bem, que está dormindo, mas, por favor, dá só uma mexidinha para eu ficar tranquila”. E, para minha alegria, a senti dando um “chutinho” para me deixar aliviada. Quando fazia isso, eu ficava muito emocionada e agradecida por aquele momento.

Eu tinha uma ligação incrível com minha menininha, conversava muito com ela, tanto nos momentos alegres quanto nos tristes. Até mesmo quando eu comia, perguntava a ela se queria ou não comer determinado alimento. Aqueles momentos eram espetaculares, diria que eram mágicos. Cada dia que passava, eu ficava naquela ansiedade de querer tê-la em meus braços. Comprei muitas roupas, enfeites de cabelo e calçados para ela. Tudo o que eu via para menina queria comprar. Tudo era lindo.

Chegavam os últimos meses de gestação, minha barriga estava enorme. A doutora dizia que minha barriga era de quem já estava quase ganhando o bebê, e isso com 8 meses. Conforme se aproximava o final da gestação, as consultas eram semanais e os exames se repetiam. No entanto, em uma determinada consulta, eu não estava muito bem, minha pressão estava muito alta, e a doutora achou melhor eu ir para o hospital repetir o exame que havia apresentado alteração.

Lembro-me que era uma sexta-feira, fui ao hospital e fiz o exame e, para minha surpresa, ou choque, ouço a seguinte frase: “Está alterado, vamos entrar em contato com sua médica para ver o que ela decide”. Aquilo que eu temia ouvir, veio: “Vamos ter de fazer o parto hoje mesmo, antes que prejudique a bebê”. O susto foi tão grande que comecei a chorar, pois não estava preparada para a chegada dela ainda naquele momento, já que tinha de ficar guardadinha por mais alguns dias até o dia certo do parto.

Liguei para o pai da bebê, que estava viajando a trabalho e também para a família, comunicando que a Gabrielle estava para nascer. Fiquei internada naquela sexta-feira, mas minha menininha nasceu no dia 02 de junho de 2012, no sábado à noite, quase às 20h. Tudo correu tranquilamente no parto. O pai da minha filha estava ao meu lado, chegou em tempo de assistir ao parto, enquanto minha família aguardava para conhecê-la. Minha

Gabrielle chegou ao mundo com 4,300kg, 52cm de comprimento e bem cabeluda. Era perfeitinha e linda, a mais linda bebê daquela maternidade. As enfermeiras ficaram tão encantadas com ela pela quantidade de cabelo que tinha que chamavam-na “a menininha de peruca”.

Senti-me a pessoa mais feliz e grata por tê-la em meus braços. Sabia que, desde o momento que estava dentro de minha barriga, seria minha luz, minha vida, meu ar, minha respiração e minha companheirinha para sempre. De lá para cá, desde seu nascimento, sou a mãe mais grata por ter a filha mais maravilhosa do mundo. A cada ano, meses, dias, horas e minutos que passam, sinto que ela escolheu a mãe mais especial que há nessa terra. Hoje, minha menininha está com 10 anos de idade e a cada dia é o meu orgulho e minha companheira de todas as horas. Ela é uma menina muito alegre, carismática, inteligente, “tagarela”, sorridente, prestativa, bagunceira, teimosa, vaidosa, sentimental e brincalhona. Ela ama os animais, está sempre brincando com a nossa gatinha Belinha. Obrigada por ter me escolhido para ser tua mãe. Te amo, minha menininha!

Terceira chance

Eduardo da Rocha Harres

Eu me chamo Eduardo Harres, tenho 22 anos e fui diagnosticado com depressão profunda e severa desde os meus 16 anos, quando fiquei sob internação domiciliar, em 2017, e até hoje venho fazendo acompanhamento psicológico. Por duas vezes pensei em desistir de tudo. Para ser sincero, eu ainda penso nisso algumas vezes, mesmo tomando meus remédios e indo aos acompanhamentos, mas muitas coisas estão me ajudando a lutar contra isso, e uma grande parte da força que estou recebendo vem dos meus amigos, da minha namorada e da minha família.

Sempre tentei procurar ajuda com pessoas próximas. Às vezes achamos que estamos sozinhos, mas, quando conseguimos conversar sobre nossos problemas, as coisas começam a melhorar, mesmo que devagar. Ainda assim, é uma coisa boa.

Minha vida escolar nunca foi muito boa, sempre tive problemas para aprender e me concentrar, pois possuo, também, TDAH. Para meus colegas, sempre fui o “burro” e acho que acabei acreditando nisso, pois reprovei três vezes no fundamental e duas no médio. Quando comecei o curso de Administração no IFSul, em 2019, evadi por problemas comigo mesmo, mas atualmente estou conseguindo vencer ao menos um pouco desse bloqueio que tenho com o ambiente escolar. Consegui chegar até aqui, na 4F, mesmo com o ambiente de escola me fazendo muito mal, com a ajuda de todos e também com a minha autoajuda.

Acho que esse pequeno texto já mostra que sempre temos como continuar. Mesmo com muita dificuldade e problemas dentro da própria cabeça, sempre existe alguém que vai nos ajudar e fazer com que o pouco fogo de vida que ainda tem dentro de nós mesmos cresça de novo e, devagarinho, vá aumentando novamente. Podemos dizer que isso é uma terceira chance.

Minha história de superação

Evanir Caetano Fontes

Minha história começa no ano de 2006. Em uma certa manhã, como tantas outras, estava em casa com minha família, até que, de repente, ouço uma voz no portão e vou atender. Era um rapaz chamando pelo nome do meu já falecido esposo. Perguntei: “Quem?”, e ele disse: “Quero falar com essa tal pessoa”. Virei para meu esposo, ele olhou o tal rapaz e comentou que não o conhecia, mas, como tinha um bom relacionamento com todos, foi atendê-lo.

Morávamos em uma casa de dois pisos, e eu fiquei olhando de cima para ouvir a conversa. Por se tratar de alguém que ele não conhecia, fiquei preocupada. Foi então que, de repente, começo a ouvir uma discussão, mas não desço para ver o que era. Continuei a olhar pela janela, mas percebi que a situação estava um tanto estranha, já que os dois começaram a falar mais alto e a brigar.

Ao virar as costas por alguns instantes, escuto tiros. Mais do que depressa, por segurança, fecho a porta do quarto onde estava com meus filhos e, como se não bastasse tudo isso, eu estava grávida de quatro meses. Fiquei com muito medo, aguardei por alguns minutos e olhei pela janela. Vi o rapaz sair correndo com arma na mão, fugindo de moto com outra pessoa, que aguardava na esquina de casa mesmo. Resolvo descer.

Depois de ver que a situação estava mais calma, desço as escadas com meus filhos e vou até a garagem. Deparo-me com uma cena que nunca mais esquecerei: ver o pai dos meus filhos ali, já quase sem vida, sem saber como reagir. Então, abaixei-me para ver se poderia fazer algo até que a ambulância chegasse. Ele pegou em minha mão e balbuciou algo que não consegui entender. Logo em seguida, os paramédicos chegaram, e tive de sair de perto. Após, veio a notícia de que já não havia mais o que fazer. Minha vida desde aquele dia virou “de pernas para o ar”.

Como estava com quatro meses de gestação, ficou muito difícil, pois havia corrido o risco de perder o bebê. Fiquei desesperada naquele instante, pensando em meus filhos e em como seria minha vida daquele dia em diante.

Demorou um tempo até as coisas se ajustarem. Eu estava sem emprego, sem casa e grávida, sem saber para onde ir e o que fazer. No entanto, com a graça de DEUS, tudo deu certo quanto à minha gestação. Meu filho nasceu com saúde e sem nenhum problema físico, pois esse era meu maior medo.

Após a gestação, tive depressão pós-parto e fiquei um ano ou mais sem sair de casa. Não comia, não tomava banho, não tinha ânimo para nada, só pensava em dormir, mas eu não poderia deixar de pensar em meus outros dois filhos, que também precisavam de mim naquele momento.

Eu ficava perguntando a mim mesma até quando tudo aquilo iria. Como se não bastasse, fiquei sem ter para onde ir, quando meu pai ofereceu a casa dele. Naquela noite, eu aceitei, mal sabia que lá também seria maltratada por minha madrasta. Fiquei um ou dois dias e começaram as brigas entre ela e meu pai. Eu já não aguentava mais aquilo tudo, devido a tudo que eu havia passado, e foi então que ela me mandou embora. Peguei minhas coisas e meus filhos em uma madrugada fria e fui para casa da minha mãe, pois estava desorientada sem saber para onde ir.

Foi então que consegui um emprego. Mesmo com minhas dificuldades e minhas limitações, não desisti dos meus objetivos, que eram: terminar meus estudos e ter algum curso, um diploma, e ser alguém, pois tive que parar de estudar com doze anos de idade, na quarta série do ensino fundamental. Queria ser um bom exemplo para meus filhos e não desistir, mas poder ajudar eles nas lições de casa. Quando me perguntavam algo, eu nunca sabia como explicar, porque não possuía aquele conhecimento.

Aluguei uma casa e consegui um trabalho, mas me sentia mal ao sair de casa, pois, após tudo que havia acontecido, fiquei com síndrome do pânico e crises de ansiedade. Mesmo assim, eu não desisti, pois tinha meus filhos para dar o que comer e vestir. Para poder trabalhar, eu pegava três conduções até a cidade de Canoas, pois tinha medo de andar de trem. Passei dois anos assim, mas não desisti, pois sabia que isso tudo iria passar e tinha meus filhos, que estavam ali, ao meu lado, o tempo todo. Outra pessoa muito importante pra mim foi minha amiga, que me ajudou aos poucos a sair para a rua e andar de trem, além de cuidar das crianças pequenas para que eu pudesse trabalhar.

Resolvi, então, levantar minha cabeça e terminar meus estudos: já fiz meu ensino médio pelo ENCCEJA, que terminei em um ano, e foi quando

recebi a informação, por minha filha mais velha, de que abriria um curso técnico em Administração no IFSUL. No último dia da inscrição, resolvi fazer, mesmo sabendo que talvez não teria chance alguma de passar em certas matérias, pois o que aprendi foi o básico: o ensino médio resumido.

Para minha sorte, fui escolhida na cota de PCDs. Atualmente, estou terminando esse curso técnico com minha filha, na mesma sala de aula, com a ajuda dela e com minha persistência. Com quase 50 anos de idade, irei me formar. Tudo isso graças a DEUS e a minha persistência em não desistir, além de, é claro, minha filha, pois sem ela não estaria onde estou hoje. Tudo isso que fiz e passei, sabia que no final daria tudo certo. Se a vida não ficar mais fácil, trate de ficar mais forte!

Toda mulher é capaz de recomeçar

Joseane dos Santos de Brito

Era uma noite quente e, enquanto eu recolhia minhas roupas na área da minha casa e as dobrava, iniciou-se uma discussão entre mim e meu ex-marido, da qual nem lembro o motivo (até porque não precisava de muitos motivos para se começar uma briga!). Depois de ser agredida verbalmente e com um soco no braço, minha mãe, ao ver e ouvir tudo, pois eu morava nos fundos da casa dela, desceu para me ajudar. Com isso, ele, meu ex-marido, avançou nela e, para mim, aquilo foi a gota d'água. Decidi, depois de dezesseis anos de muita humilhação de todos os tipos, libertar-me e iniciar uma nova história.

Não foi uma tarefa fácil, pois nos acostumamos com tudo nessa vida, até mesmo com o que é ruim, sim, isso mesmo, até com o que é ruim! Eu precisava remover aquele gesso que cobria todo o meu corpo e quero dizer com isso que eu estava imobilizada, amarrada, distante de tudo e de todos, desde meus dezesseis anos, não sabia o que era estudar ou até mesmo trabalhar. Com meus trinta e um anos de idade, não pensei em nada. Na verdade, o que me motivou foi os quatro filhos que tivemos juntos, pois eles não mereciam passar por aquilo. Ver e escutar coisas que estavam acabando comigo, dia após dia. Foi a melhor escolha da minha vida!

Quinze dias depois, comecei a trabalhar. Depois de ter tido uma conversa muito séria com o Criador, Ele me ouviu. Fui subindo cada degrau com muita dificuldade. Voltei a estudar em 2019, quando completei meu ensino fundamental por meio da Educação de Jovens e Adultos e não quis parar por aí. Fiz minha inscrição no IFSUL para participar do sorteio que teria para cursar o ensino médio com técnico em Administração e estava muito confiante. Fui sorteada!

Sempre que amigas ou colegas de trabalho falam que estão com dificuldades em seus casamentos, mas não sabem o que fazer, conto a elas

minha história. Não que eu incentive o divórcio, mas tento mostrar que somos muito mais importantes do que pensamos. Nós temos uma força que nem nós mesmos sabemos que temos, e é por isso que temos que lutar para nos tornarmos alguém muito melhor todos os dias.

Nossos filhos merecem um lar com respeito e amor, não com brigas e xingamentos. Minha vida toda trabalhei na área da limpeza. Depois que voltei a estudar, eu consegui sair da zona de conforto e me tornei atendente comercial. Mesmo que para muitas pessoas isso não seja nada, para mim é motivo de muito orgulho, pois foi algo que eu conquistei com muito esforço. Não desmerecendo de maneira alguma o meu trabalho de antes, mas acredito que todo ser humano tem o direito de evoluir e de crescer.

Eu me sinto “gente”, como eu nunca me senti antes, me sinto importante. Quero dizer e quero mostrar, por meio dessas palavras, para as mulheres não terem medo do novo, para não terem medo das suas escolhas, e que os filhos não estão em nossas vidas para segurar um relacionamento, mas sim para serem amados e respeitados, e que se, para isso acontecer, for necessário encerrar um ciclo, então que se encerre, mas nunca devemos pensar que não vamos conseguir, pois eu sou a prova viva de que é possível, de que a vida nos reserva coisas maravilhosas, basta nós querermos. Hoje, sou casada com uma pessoa maravilhosa, que sempre me incentiva a crescer e que está comigo sempre, nos melhores e nos piores momentos.

Deixo meu relato para que as mulheres entendam e reconheçam o seu valor. Dar a volta por cima e começar tudo do zero é desafiador, mas quando o medo se torna uma arma para vencer obstáculos, nos perguntamos o porquê de não termos tomado essa decisão antes. Lembre-se de que você, MULHER, tem uma força e um poder de transformação que está somente em suas mãos!

Coração de mãe

Juli Herbstrith da Silva



Era uma quinta-feira de 2018, por volta das 18 horas, em uma tarde com uma brisa leve. Minha mãe e eu fomos visitar minha irmã mais velha, que morava a apenas 15 minutos de distância da nossa casa. Minha mãe estava com saudades da minha irmã e, justamente por isso,

queríamos passar um tempo com ela.

Jantamos, conversamos e rimos, já estava tarde, em torno de 22h30min, quando resolvemos ir para nossa casa. Minha mãe e eu, como sempre, andando devagar e analisando tudo. No caminho, avistamos três crianças correndo em nossa direção com um botijão de gás. Ficamos sem entender nada, mas seguimos caminhando. Logo após, ouvimos um tiro, e ela me empurrou para trás de um carro e ficou em minha frente.

O moço que efetuou os disparos achou que éramos as crianças, pois viu de relance. Fiquei tão nervosa que comecei a tremer. Perdi totalmente a noção do que estava acontecendo. Eu chorava e tremia, enquanto minha mãe estava ali, parada na minha frente. Foi então que o rapaz começou a se aproximar, bem devagar, quando, de repente, um novo disparo aconteceu. Ainda lembro-me da sensação horrível, parece que estava tudo em câmera lenta. Minha mãe, segurando minha mão com os olhos cheios de lágrimas, começou gritar:

– “Moço, pelo amor de Deus, a gente não tem nada a ver com isso! Eu estou com a minha filha aqui. Ela tem gastrite nervosa e está passando mal”.

O barulho parou. Ouvi aquela voz lá no fundo pedindo desculpas, era o moço dizendo que achava que eram as crianças, e explicou o porquê de estar atrás delas, o que não justifica tamanha brutalidade. O rapaz falou que haviam roubado um botijão de gás da casa dele. Olhei para minha mãe, ainda chorando, e, naquele momento, só queria ir para casa.

Minha mãe ficou parada por alguns minutos, tentando me acalmar, eu ainda estava gelada e suando frio. Ela me abraçou e seguimos. Desde então, sempre que citam a frase “mãe dá a vida pelo filho”, penso que essa não é uma frase dita ao vento, pois minha mãe realmente ficou em minha frente e, quando tentou se comunicar, estava ciente do que poderia ter acontecido. Ela havia dito pra mim no dia anterior: “Filha, quando tu mais precisares, quem estará aqui seremos eu e tuas irmãs”, e isso se fez jus na noite do ocorrido.

Sonho de ser mãe

Luciane Maria de Oliveira Koch

Casei no ano de 1999. Tudo foi lindo, como eu sempre sonhei. Já no ano de 2000, meu esposo e eu resolvemos ter um filho, ele passou a insistir muito para que eu engravidasse. Primeiramente, comecei pelo método tradicional: parei de tomar o anticoncepcional para poder engravidar. Seis meses se passaram e nada. Foi então que comecei a me preocupar em haver algo de errado em mim ou em meu esposo. Esperei mais um mês, mas novamente não consegui.

Procurei ajuda médica e passei a fazer tratamento com uma ginecologista, que solicitou vários exames e me disse: “Se tudo estiver certo contigo, vou pedir que seu marido faça um exame para ver se o problema não é com ele.” Porém, os resultados dos exames vieram, e era eu que tinha o problema: estava com policísticos nos ovários, e isso impedia que eu engravidasse. No entanto, havia um modo de conseguir: fazendo um tratamento com remédios que ajudam a engravidar.

Comecei o tratamento, em que eu teria de tomar remédios por três meses e parar dois meses para, depois, começar novamente. Ao atingir o terceiro mês de tratamento, minha médica pediu que eu parasse com a medicação, mas me disse que talvez teria de continuar o tratamento por um ano, até que eu conseguisse engravidar. Saí do consultório triste e fui para casa. À noite, quando meu esposo chegou do serviço, contei a ele tudo o que a médica havia falado, e ele me consolou dizendo que tudo daria certo e que deveríamos esperar.

Passaram-se os três meses de tratamento e comecei a ficar com muita dor nas costas e muita cólica. Minha prima, à época, morava na mesma rua em que eu, e foi então que decidi ir até sua casa contar a ela o que estava acontecendo comigo. Ela, então, me disse: “Tu estás grávida!”, e eu disse: “Não!”, e ela afirmou que eu estava, sim, grávida. Ordenou que eu fosse ao médico e pediu para fazer o teste de gravidez.

Fui para casa, troquei de roupa e fui à farmácia comprar um teste de gravidez. Cheguei em casa e fiz o teste, que deu positivo, mas não acreditei

no que estava vendo. Fiquei tão feliz e ao mesmo tempo preocupada em saber se esse teste poderia dar errado.

Meu esposo chegou, e eu contei a ele que fiz o teste e que deu positivo. Ele também não acreditava no que estava vendo. Resolvemos ir até a clínica consultar com um clínico e pedir um teste de gravidez. Fiz o teste e fui para casa, pois o resultado sairia somente no outro dia.

No dia seguinte, acordei bem cedo e fui para a clínica saber o resultado. Peguei o resultado em mãos, mas não sabia se abria ou não, pois estava com medo de ser mais uma frustração. Fechei os olhos e disse: “Seja o que Deus quiser!”. Abri e lá estava: positivo. Eu estava grávida. Não sabia o que fazer: se chorava ou se sorria. Não consigo explicar o que eu senti naquele momento.

Levei para a médica o teste de gravidez no outro dia e ela não acreditou no que estava vendo. Ela, então, disse: “Em três meses de tratamento, você conseguiu engravidar. No mínimo, leva-se um ano ou mais de tratamento. Parabéns! Agora vamos começar o pré-natal”.

Comecei o pré-natal, fiz tudo direitinho como ela ordenou, mas, por fim, o que eu não esperava aconteceu: mais um obstáculo em minha vida. Pensei que teria uma gravidez normal, tranquila, mas havia me enganado. No quarto mês de gestação, comecei a ter pressão alta e, assim, começou minha preocupação.

Tive de tomar remédios para controlar a pressão e monitorá-la, mas ela não baixava. Pelo contrário, subia cada vez mais. Eu passava mais tempo no hospital, para controlar a pressão do que em casa. Quando estava no sétimo mês de gravidez, comecei a ficar muito inchada, mal conseguia caminhar, meus pés e pernas incharam muito. Certo dia, pela manhã, levantei com falta de ar e, como eu estava na casa de minha avó, ela chamou meu tio que tinha carro para me levar à clínica onde a médica já estava me esperando. Chegando lá, quando ela me viu, naquele estado, imediatamente me encaminhou para Porto Alegre, onde eu teria mais recursos.

Meu tio, então, na mesma hora, levou-me para Porto Alegre, no hospital Fêmima, onde fui bem atendida. Aliás, recomendo a todas as mulheres que tiveram complicações na gestação procurar esse hospital. Recebi toda a assistência lá, ficando internada por sete dias, tentando controlar a pressão, mas ela não baixava. Os médicos vieram até meu quarto para explicar o que

estava acontecendo comigo, e o que seria feito para salvar a mim e a meu bebê. Decidiram, então, que tirariam meu bebê antes, pois já estava atingindo meus rins.

Eu estava tendo eclâmpsia. Entrei em desespero, pois estava com medo do que poderia acontecer, já que o médico havia dito que tiraria meu bebê porque ele estava em risco, só que não sabiam como ele nasceria, pois seus pulmões pareciam estar ainda em formação. Ele nasceria prematuro e poderia nascer bem ou com complicações. Pensei bem... Meu filho, que eu sempre sonhei em ter e lutei muito para isso acontecer, estaria em risco de vida. Não sabia o que fazer naquela hora, apenas chorei muito e não queria que o tirassem ainda, mas essa era a única solução.

Fui para sala de cirurgia, onde me prepararam para a cesárea, Com medo de tudo o que ia acontecer com meu filho e comigo, só pedi a Deus que cuidasse de tudo, que estava em suas mãos. Meu filho, então, nasceu às 19h45min do dia 21 de fevereiro de 2001, com 48cm, e pesando 1kg e 550 gramas. Nasceu saudável, só teve que ir às pressas para a UTI neonatal, pois teria de ficar no oxigênio até aprender a respirar sozinho. Ficou somente três dias no oxigênio, depois não precisou mais.

Meu filho ficou na UTI por vinte dias, só para pegar peso, pois teria que ganhar alta com 2kg. Não pude amamentá-lo no peito, meu leite não desceu por conta da pressão. Ele teve de tomar mamadeira. Após sair do hospital, depois de vinte dias após seu nascimento, fui para casa, onde passei a ter todos os cuidados, pois meu filho era tão pequeno que eu tinha até medo de segurá-lo em meus braços. Suas roupinhas ficavam todas grandes. Para dar banho, a banheira era enorme e assim foi indo... Cuidei dele todos os dias, meses e anos. Nunca teve qualquer complicação. Hoje, já é um homem, com 21 anos de idade, trabalhando e me dando muito orgulho. Não tive mais filhos, somente ele. Não quis arriscar mais minha saúde, um filho só já me basta. Agradeço a Deus todos os dias por ter me dado o privilégio de ser mãe.

O Açude

Silvana Rosa da Silva Rodrigues

Nos dias de hoje, muitos dizem:

— “Essa geração troca até a família por um celular....”

Aí fico pensando que não é essa geração nem os dias de hoje, porque comigo aconteceu de meus pais esquecerem de mim por alguns instantes, e não foi um celular que fez eles esquecerem de mim, mas, sim, uma televisão.

Isso aconteceu quando eu era criança, tinha em torno de cinco anos de idade e lembro bem de alguns detalhes. No início dos anos 90, meu pai conseguiu comprar a nossa primeira televisão. Não lembro ao certo quanto tempo ela durou, mas, um dia, fomos assistir televisão, e ela não estava funcionando, então meu pai decidiu levá-la para o conserto. Como morávamos no interior de Cachoeira do Sul, em uma fazenda, nossa condução era uma carroça. E eu, muito apegada ao meu pai, pedi para ir junto. Meu pai começou a encilhar o cavalo, enrolando um cobertor na televisão para não ter perigo de quebrá-la. Tudo pronto. Era só irmos até a cidade.

Naquele dia, já embarcados na carroça, meu pai e eu, o cavalo não quis andar, começou a se renegar e andar para trás. Meu pai, como não era muito carinhoso com os animais, começou a bater no cavalo, que se negava cada vez mais. Foi então que Júlio, o padraço da minha mãe, resolveu ir até a frente do cavalo e puxá-lo pelas rédeas. Não deu outra: o cavalo começou a dar uns pinotes e acabou pisando no pé dele e, como a estrada da fazenda era, ao mesmo tempo, a taipa de um açude, em um dos pinotes que o cavalo deu, fomos para dentro do açude com carroça, televisão e cobertor.

Foi uma correria daquelas. Primeiramente, tiraram a televisão para não piorar o dano dela, depois tiraram o cavalo da carroça, pois ele estava preso a ela dentro da água, depois foram fazer curativo no pé de Julio, pois o cavalo, ao pisar no seu pé, acabou o machucando.

– Mas, perai, está faltando algo, não?

Pois, sim, foi aí que lembraram que eu também estava na carroça. Minha mãe, então, perguntou:

“Cadê a maninha?”

Meu pai saiu correndo, mergulhou no açude e me tirou debaixo da carroça. Não lembro exatamente quanto tempo fiquei dentro da água, saí de lá consciente. Todos vieram à minha volta, para ver se eu estava bem, e eu estava bem, estou bem.

Hoje, essa história nos faz dar risadas, e meus irmãos dizem que é por isso que “não bato bem da cabeça”. No entanto, confesso que, no fundo, tenho um pouquinho de mágoa... Como podem socorrer objetos e animais e esquecer de uma criança?

Essa história hoje é vista como uma história cômica, porque não teve um final trágico.

Meu renascer

Tayciane da Silva Prates

Estávamos no meio do ano de 2017 quando, em uma tarde, tive uma discussão com a minha mãe. Durante essa discussão, acabei deixando "escapar" que estava desanimada e sem vontade de viver, pois a depressão já tinha me tomado por inteira. Quando ela ouviu essas palavras saindo da minha boca, ficou sem saber o que fazer. Foi então que ela se lembrou de uma pessoa que fazia parte da minha vida e que me acompanhava na igreja. Aqui, chamaremos essa pessoa de "anjo", pois ele e a sua esposa foram anjos que Deus colocou na minha vida.

Eu, naquele momento, já não era mais aquela menina espontânea, que fazia suas palhaçadas para alegrar quem estivesse por perto. Fui me distanciando de família, amigos, e o que antes eu amava fazer, como, por exemplo, sair com as minhas amigas, ou ao menos bater um papo, eu já não fazia mais. Só queria ficar no meu quarto, em silêncio, com as luzes apagadas. Eu não saía, não comia, não vivia, não era mais eu.

Foi quando o anjo foi até a minha casa e me perguntou: "Gostaria que tu fosses lá em casa conversar um pouquinho, pode ser?". Respondi que sim. Naquele momento, fomos até a sua casa e lá fiquei por algumas horas conversando com ele e sua esposa. Ali, sentada, ouvindo o que eles me diziam, as lágrimas escorriam... Eu, que já não tinha mais fé, chorei ainda mais por entender que aquela simples conversa era Deus me mostrando que aquilo que estava acontecendo não era o fim, mas que minha vida importava muito para Ele.

Após aquela conversa, prometi que iria ao médico, iria cuidar de mim, pois tinha entendido ali o quão grande era o amor de Deus por mim e o quanto ele queria muito mais para a minha vida. Algumas semanas se passaram e fui ao médico, dia em que fui diagnosticada com depressão e ansiedade em estágios avançados.

Depois daquele dia, comecei a compreender o sentido que a minha vida tinha, o quão importante era e como o amor pode salvar vidas. Com isso, coloquei um ponto final no que estava me matando: cortei vínculos que só

me faziam mal e me faziam sofrer e me aproximei novamente da minha família, a quem devo um agradecimento especial por todo amor e apoio de sempre, dos amigos e de Deus, que sempre esteve comigo. Muitos podem não acreditar, mas Ele se fez presente em vários momentos quando eu o clamei e até hoje é assim. Recomecei minha vida como se eu tivesse nascido novamente, pois Deus tinha me dado uma nova vida!

Voltei a viver, passo a passo, sem medo dos julgamentos, sem medo de ser proibida de expressar o meu jeito. É como dizem: depois da tempestade, o sol sempre volta a brilhar! O tempo passou e tudo melhorou. Conheci um homem incrível, que me trata como uma princesa, me exalta, é carinhoso, atencioso e me incentiva a ser cada dia melhor. Ele me ajuda com meus traumas do passado, me mostra o amor de verdade e como o amor pode curar as feridas deixadas por um alguém que dizia que o que fazia era por amor, o que não é verdade, pois quem ama não machuca, nem trata mal, não te bota pra baixo. Hoje, sinto-me tão orgulhosa de ver tudo o que passei, tantos momentos que achava que era o fim, mas não era. Futuramente, penso em ajudar muitas pessoas que possam ter passado por algo parecido com o que me aconteceu, quero ser o "anjo" daquela pessoa que acha que é o fim e eu vou chegar para lhe mostrar que não é e que o amor vai transformar a sua vida!

Verão

Thaís da Silva Castro



Eu nunca achei que iria perder alguém tão cedo, e alguém tão importante para mim. Quando somos pequenos, não temos muita noção do que está acontecendo, apenas quando

realmente acontece. Como dizem, só damos valor quando perdemos e, em parte, foi o que aconteceu comigo, mas não como se imagina.

Minha avó foi diagnosticada com câncer de medula óssea. Ela sempre foi uma mulher encantadora, linda e de se admirar. Eu não tenho muitas lembranças dela, mas o suficiente para nunca esquecê-la. Ela não foi somente a minha avó, mas também uma amiga que me protegia, até mesmo em coisas erradas que eu fazia no começo da adolescência.

Em 2015, em Cidreira, tive a minha primeira "paixonite" e, como eu só tinha 14 anos de idade, minha avó me protegeu e escondeu isso dos meus pais. Ela era a minha melhor amiga, que me defendeu até o fim, até meus pais descobrirem. Em 2016, foi o melhor verão de todos. Passei muito tempo com ela e com a minha família. Foi tão divertido, mas, infelizmente, passou muito rápido que nem vi o tempo passar.

Minha vó ficava, vez ou outra, na minha casa, e eu sabia que era por causa do câncer, mas, novamente, nunca perguntava o porquê, só passava o máximo de tempo possível e sempre a "incomodava" com muitas conversas aleatórias para as quais não dava muita atenção. Eu sempre fiquei de fora do que acontecia com a minha vó, não é que eu não desse importância, e sim porque não imaginava o que iria acontecer com ela, mas infelizmente aconteceu.

Em 2018, ela teve de ser internada na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Eu não gosto de guardar datas, então não sei exatamente o dia, pois, para mim, guardar datas significa sofrimento o ano todo. Minha avó estava diferente, não comia nada, mas ainda dava risada para amenizar a situação, mas, com o tempo, ela foi piorando.

No mês de abril daquele ano, ela ficou irreconhecível, e essa é a única data que não tenho exata em mente. Nossa família estava mais unida e isso me deixou um pouco mais tranquila, mas o jeito que minha avó ficou me deixou muito chateada. Ela não olhava para nós, já não estava mais ali. Minha família e eu evitávamos chorar na frente dela, mas eu já não a sentia ali, então, para mim, não faria diferença. Alguns dias depois, ela entrou em coma profundo e ficou no conforto até adormecer para sempre.

Eu nunca achei que ela fosse embora, mas ela foi e me deixou um buraco vazio que ainda está aqui, mas a vida segue, e um dia vamos nos encontrar e vou falar todas as minhas conquistas que sempre falei para ela, principalmente a da faculdade de psicologia, da qual falávamos tanto.